

HILDA HILST E O DEVIR-ANIMAL EM *COM OS MEUS OLHOS DE CÃO**

Eduavison Pacheco Cardoso (UFSC)

Resumo: A literatura de Hilda Hilst é constituída por uma animália muito diversificada que comunga bichos domésticos, silvestres, reais e fantásticos. *Com os meus olhos de cão*, de 1986, é uma novela que trata da passagem de um professor de matemática em cachorro, animal que ocupa um espaço importante na produção literária e na vida da autora paulista, já que ela chegou a abrigar quase 100 cães em sua chácara, a Casa do Sol. O objetivo deste trabalho, portanto, é investigar essa travessia do homem, dotado do *logos*, para o cão, cuja vida é pura imanência no mundo. O cruzamento dessa fronteira humana para o âmbito canino será analisado à luz do devir-animal, especialmente o conceito formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, e por considerações acerca do cinismo, corrente filosófica da antiguidade que dotava o filósofo de uma prática também imediata com o ambiente exterior.

Palavras-chave: Hilda Hilst; devir-animal; cão.

1. Também nos animais as centelhas se mostram

A hipótese é de que Hilda Hilst se vale de um saber assentado no devir-animal para constituir o seu trabalho literário-artístico, especialmente em *Com os meus olhos de cão*. Nessa novela, a autora indica que “Também nos animais as centelhas se mostram (HILST, 1986, p. 44), dotando os bichos de um saber que sempre esteve com eles, mas que os homens os destituíram. A questão da animalidade é um elemento que serve não apenas como conteúdo dentro da literatura de Hilda Hilst, mas também como um meio a partir do qual a escritora se vale para produzir parte de sua literatura. Isso advém muito do fato de como o animal é percebido pela autora, que não é visto como uma máquina.

Diante disso, a pesquisadora Maria Esther Maciel (2011, p. 86), uma das grandes divulgadoras dos estudos em torno do animal no Brasil, afirma que o pensamento científico e filosófico ocidental, ao longo dos séculos, “se arrogaram a responder tais perguntas [o que é humano e o que é animal?] com base em critérios forjados em nome da racionalidade [...]”. Maciel também diz que a cisão definitiva entre o que é humano e o que é animal ocorreu no século XVIII, “com o triunfo do pensamento cartesiano” (MACIEL, 2011, p. 86), o qual conferia ao animal o estatuto de máquina e o destituía de alma, conforme afirmou Descartes. A ciência e a filosofia, nesse sentido, acabaram contribuindo para que o animal fosse marginalizado diante do homem, pois “[...] foi precisamente pela negação da animalidade que se forjou uma definição de humano ao longo dos séculos no mundo ocidental” (MACIEL, 2016, p. 17).

Por outro lado, há outros saberes que compreendem o animal de formas diferentes. Esse é o caso da literatura e de pensadores que descontroem a imagem que se erigiu dos animais. Dessa forma, na esteira de Maciel (2016, p. 13), “outras possíveis respostas – fora das circunscrições do conhecimento filosófico-científico legitimado – podem ser encontradas no campo do imaginário e nos espaços alternativos do saber humano, nos quais a palavra animal ganha outros matizes, inclusive socioculturais” (MACIEL, 2016, p. 13).

No conto “O Unicórnio”¹, de Hilda, por exemplo, há uma fala da narradora que interroga os saberes científicos acerca do animal: “Escute, você sabe que os animais têm

* XIV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online

¹ Narrativa presente em *Fluxo-floema – textos em ficção* (1970).

alma?”. Esse questionamento, embora não seja científico, é uma outra forma de pensar o animal ao ponto de constituir uma zooliteratura, que, de acordo com Maciel, são termos usados para “designar o conjunto de diferentes práticas literárias ou obras (de um autor, de um país, de uma época) que se voltam para os animais” (MACIEL, 2016, p. 14).

2. Devir-cão e cinismo

Por não se deixar ser capturados pela sua alteridade radical, os animais só podem ser “pensados” a partir do olhar humano, que, como se verá, tem muita relevância para a abordagem a qual proponho.

A noção de devir-animal auxilia a compreender a animalidade dentro da literatura de Hilda Hilst, sobretudo aquela empregada por Gilles Deleuze e em parceria com Félix Guattari. Essa noção de devir foi priorizada por melhor dar conta do objeto de estudo à medida que trata especificamente de um devir-animal. Outro motivo pela seleção de tal noção deve-se à contemporaneidade do conceito e da possibilidade em explorá-lo de forma mais contundente.² Assim, segundo Deleuze, em “A literatura e a vida”, em *Crítica e clínica* (1997):

Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de *uma* mulher, de *um* animal ou de *uma* molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população (DELEUZE, 1997, p. 11, grifos do autor).

Devir, portanto, não pode ser entendido como uma reprodução pura de um outro elemento, como do animal, por exemplo. A zona de vizinhança da qual alude Deleuze não é tornar-se animal ou ser como ele, imitá-lo. Assim, a forma como se devém algo – se devém animal, isto é, como o fenômeno do devir se manifesta – dá-se por meio de um evento imprevisto, isto é, de certa forma, o acaso, uma vez que não se imita premeditadamente para se “passar” por algum devir.

Isso se evidencia em *Estar sendo. Ter sido* (1997/2006) em que a personagem Vittorio, que em sua sanha na busca de Deus, devém muitos bichos: “a corja humana sempre ri da dor suprema. Do estertor dos bichos-ninguém. sou um bicho-ninguém olhando para o alto, talvez um sapo, um cão pelado” [...] (HILST, 2006b, p. 67-68).

Ainda de acordo com essa noção, Gilles Deleuze e Felix Guattari vão afirmar, em “Devir-intenso, devir-animal e devir-imperceptível” (2012), que “Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco ele é uma semelhança, uma imitação e, em última instância uma identificação” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 18). De acordo com os autores, “O devir é sempre de uma ordem outra que a da filiação. Ele é da ordem da aliança” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 18), como a vida de Amós Kéres que, depois da visão de um devir-partícula³, “Uma espécie de Sol Original” (PÉCORA, 2006, p. 08), acaba se aliando ao devir-cão. Mais uma vez, Deleuze e Guattari expõem uma noção de devir que se aproxima muito de Amós/Hilda:

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais *próximas* daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. Esse princípio de

² Essa minha assertiva não significa que eu não recorrerei a outras fontes de devir para discutir minhas proposições ao longo do trabalho.

³ Ou devir-caosmos, segundo a concepção de Murilo Duarte Costa Corrêa em “Devir-animal (ou cinismo)”.

proximidade ou de aproximação é inteiramente particular, e não reintroduz analogia alguma (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 64).

Matemático e professor universitário, Amós Kéres, depois de uma experiência mística, afasta-se de seu mundo confortável para viver como um cão no caramanchão da casa de sua mãe. De certa forma, esse afastamento – ou alienação – aproxima a personagem da novela à vida de Hilda quando ela decide se mudar da agitada São Paulo para um sítio, a Casa do Sol, em Campinas, rodeada de cachorros, muitos deles.

Viver como um animal, dentro dessa perspectiva, não é entendido de forma pejorativa, mas tem a ver, por exemplo, com os filósofos cínicos, também chamados de cães, pois se associam com o mundo a partir da percepção que o homem tem do olhar do cachorro.

Diante disso, conforme argumenta Michel Onfray, em *Cinismos, retrato de los filósofos llamados perros* (2002): “O cinismo filosófico propõe uma gaya ciência, um alegre saber insolente e uma sabedoria prática eficaz” (ONFRAY, 2002, p. 32, tradução minha).⁴ Desse modo, Onfray discute o cinismo a partir da teoria prática do filósofo grego Diógenes Laércio, que tinha um devir-cão não familiar, ou seja, “era uma cão vagabundo, sem raça, sem dono, provavelmente pulguento [...]” (CORRÊA, 2010, p. 1), conforme explana Murilo Duarte Costa Corrêa, em “Devir-animal (ou cinismo) (2010). Diante disso, Onfray afirma que:

Este cão [o cínico] não é manso nem domesticado, nem submisso ou satisfeito, sequer vive protegido entre seus donos, tão antigos quanto ele. O cínico não conhece a coleira, a casinha ou a comida dada regularmente adquirida sob o preço do conformismo (ONFRAY, 2002, p. 38, tradução minha).⁵

É em decorrência dessa insubordinação do cínico – pautada no devir-animal –, além da zona de vizinhança discutida por Deleuze, que se instauram as narrativas de Hilda. Em *Com os meus olhos de cão*, por exemplo, os animais sempre percebem o mundo a partir de seus próprios olhares, não como o homem concebe acerca do animal:

Uma cadela apareceu à tardezinha. É amarela. Deve ter dado à luz há pouco tempo. As tetas espichadas, as costelas à mostra. *Os olhos acastanhados têm o brilho veemente da fome*. Há centelhas que escapam da carne na miséria, na humilhação, na dor. Também nos animais as centelhas se mostram (HILST, 2006, p. 55, grifos meus).

Ressalto a noção do olhar porque ela se manifesta com certa frequência nos textos da escritora. Isso revela que há uma atenção ao fato de as personagens serem olhadas pelo animal, tal como na epígrafe. Assim, o olhar animal também aparece quando Amós visita um amigo matemático, Isaiah, que vive com uma porca chamada hilde: “Os olhos de hilde sobre mim” (HILST, 1986, p. 35).

O título da narrativa de Hilda já traz englobado a si um devir-cão, pois pressupõe que aquilo que será visto estará atravessado pela vizinhança canina. Nesse texto, a questão do animal não humano surge como uma emergência (emerge e o faz com urgência) na medida em que a autora percebe o animal como um ser que também percebe o mundo, que nos animais a centelha também é evidenciada.

⁴ “El cinismo filosófico propone una gaya ciencia, un alegre saber insolente y una sabiduría práctica eficaz” (ONFRAY, 2002, p. 32).

⁵ “el cínico desconoce la correa, la casilla y la pitanza regular adquirida al precio del conformismo” (ONFRAY, 2002, p. 32).

Tal centelha pode ser entendida por aquilo que o pensador franco-argelino Jacques Derrida, em *O animal que logo sou* (2002), entende pela experiência do animal ou o olhar do animal. Esse olhar, segundo o filósofo, ainda não foi contemplado pela teoria, uma vez que:

Haveria, em primeiro lugar, os textos assinados por pessoas que sem dúvida viram, observaram, analisaram, refletiram o animal mas nunca se viram vistas pelo animal; jamais cruzaram o olhar de um animal pousado sobre elas [...]; mas mesmo que se tenham sido vistas, um dia, furtivamente, pelo animal, elas absolutamente não o levaram em consideração (temática, teórica, filosófica); não puderam ou quiseram tirar nenhuma consequência sistemática de que os animais pudesse, encarando-as, olhá-las, vestidas ou nuas, e, sem palavras *dirigir-se a elas* [...] (DERRIDA, 2002, p. 32, grifos do autor).

Desde a conferência que deu origem ao livro de Derrida até a contemporaneidade, o panorama epistemológico acerca do modo como os animais são enxergados tem mudado, especialmente porque o filósofo franco-argelino proporcionou uma nova visada sobre o tema que ainda não havia sido problematizado.

Exemplo disso é o livro *Para uma poética do humano e do animal* (2016), da professora Angela Guida. A centelha que Hilda percebe nos animais na novela já mencionada é uma forma, então, que se dá “[...] como um convite para pensar o humano a partir do animal” (GUIDA, 2016, p. 53).

Esse convite para pensar a respeito do animal deve-se porque a filosofia e a teoria estabeleceram um local exterior ao animal, como é o caso de Martin Heidegger que, ainda segundo Guida, tomava o animal como pobre de mundo, isto é “o animal estaria assim privado de linguagem” (GUIDA, 2016, p. 46).

Retomando a ideia de devir, François Zourabichvili, em *O vocabulário de Deleuze* (2009), explica que na obra de Deleuze e Guattari não existe um devir genérico: “Acima de tudo, devir não é uma generalidade, não há devir em geral: não se poderia reduzir esse conceito [...]” (ZOURABICHVILI, 2009, p. 48). Por isso, Deleuze e Guattari vão elencar uma série de devires que “progridem”:

Vemo-nos tomados em segmentos de devir, entre os quais podemos estabelecer uma espécie de ordem ou de progressão aparente: devir-mulher, devir-criança; devir-animal, vegetal ou mineral; devires moleculares de toda espécie, devires-partículas (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 66).

Tal ordem vai do devir-mulher até os devires-partículas, portanto há a exclusão do devir-homem, “[...] porque o homem é a entidade molar por excelência, enquanto que os devires são moleculares” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 94). Além disso, ainda de acordo com os autores, o homem tem uma função dentro do mundo a qual, majoritariamente, domina todas as outras, sejam mulheres, crianças, animais ou partículas. Dentre os devires mencionados, o devir-animal é mais interessante para esta pesquisa, pois mantém uma zona de vizinhança com os outros devires.

Essa zona de vizinhança da qual fala Deleuze se aproxima muito daquilo que Alcir Pécora, organizador e prefaciador das obras reunidas de Hilda pela editora Globo, diz sobre Amós Kéres, protagonista de *Com os meus olhos de cão*, cuja vida é: “[...] experimentada como pura vivência animal, sem qualidades” (PÉCORA, 2006, p. 09).

Essa pura vivência animal é evidenciada no seguinte trecho de *Com os meus olhos de cão*: “Pássaros e raízes. O mais alto e o mais fundo. Procuramos a árvore para as nossas asas?” (HILST, 2006, p. 53). Os pássaros, em geral, não têm uma raiz ou uma única árvore para se hospedar, como os humanos fazem.

Por isso existe a pergunta a respeito da relação entre árvore e asa, uma vez que os pássaros não têm compromissos com instituições como nós temos. Por isso Amós Kéres vai

dizer que todas as instituições são iguais, pois tiram a liberdade do homem: “De onde estava via o edifício da Universidade. Prostíbulos Igreja Estado Universidade. Todos se pareciam. Cochichos, confissões, vaidade, discursos, paramentos, obscenidades, confraria” (HILST, 2006, p. 17).

Já não satisfeito com o *status* de homem branco, professor universitário e provedor da família, Amós começa a passar por diversos devires-animais, como o devir-pássaro ao olhar de cima, como animal, para baixo, a morada e instituições dos humanos rejeitando-as todas. Diante dessa perspectiva, Deleuze e Guattari vão afirmar que: “Acreditamos na existência de devires-animais muito especiais que atravessam e arrastam o homem, e que afetam não menos o animal do que o homem” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 18).

Portanto, o devir-pássaro atravessa Amós na medida em que há uma recusa por parte da personagem em viver como homem dotado de qualidades. Por isso existe o atravessamento do devir-pássaro nele. Ele passa pelo devir-pássaro quando percebe que as raízes institucionais o destituem de asas.

Essa ideia do devir se aproxima muito daquilo que expõe Maria Esther Maciel sobre o trespassamento de fronteiras e da hibridização⁶: “E é dessa maneira que eles podem trazer à vida, por vias transversas, o corpo vivo do animal dentro de nós mesmos, propiciando um trespassamento de fronteiras, que abre o humano a formas híbridas de existência” (MACIEL, 2011, p. 91).

Tal assertiva de Maciel já implica uma aproximação com a noção de devir de Deleuze e Guattari, posto que aquilo que é da ordem do devir está amparado sempre na ideia do “entre”, do híbrido, da passagem de fronteiras: “O devir está sempre ‘entre’ ou ‘no meio’” (DELEUZE, 1997, p. 11), como é o caso de Amós intermediando céu e terra, raiz e asas, homem e pássaro, matemático e cão.

3. Considerações finais

Hilda Hilst estabelece uma zona fronteira entre homem e animal que o leva a devir animais. Professor de matemática, Amós simboliza a razão levada ao extremo, uma vez que a matemática pode calcular a natureza de qualquer coisa no universo. À procura de um ponto luminoso, de uma superfície amorfa e indiferente ao número, Amós vai se distanciando do mundo humano e recuperando sua própria animalidade. O cálculo da existência se abstrai até o absurdo. Essa animalidade própria do homem se imiscui na de outros bichos, como o pássaro e o cão.

A luz que o professor avista no cimo de uma colina, esse Sol Original do qual fala Alcir Pécora, remonta ao ato inventivo do nume, tão bem representado por William Blake em *The Ancient of the days*, onde se vê o velho deus alocado dentro de um sol e criando mundos com um esquadro. Constituído a partir da matemática, o mundo é habitado primeiro por animais antes do demiurgo dar sopro ao barro e criar o homem. Amós, então, devém o animal como busca dessa essência perdida e desse sol que se apagou porque o deus também se perdeu na abstração.

Referências

⁶ A noção de hibridização entre elementos, sob a concepção de Deleuze e Guattari, devém um terceiro elemento, o híbrido, que não é nem o primeiro nem o segundo. Há aqui, portanto, uma desterritorialização dos elementos que ficam em um “entre”, o próprio híbrido. Assim, os autores vão dizer que: “Opomos a epidemia à ideia de filiação, o contágio à hereditariedade, o povoamento por contágio à reprodução sexual, à produção sexual. Os bandos, humanos e animais, proliferam com contágios, as epidemias, os campos de batalha e as catástrofes. É como os híbridos, eles próprios estéreis, nascidos de uma união sexual que não se reproduzirá, mas que sempre recomeça ganhando terreno a cada vez” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 23).

- CORRÊA, Murilo Duarte Costa. Devir-animal (ou cinismo). In: *SOPRO*. nº 22, fevereiro/2010. Disponível em http://www.academia.edu/5159011/Devir-animal_ou_cinismo. Acesso em 20 de setembro de 2017.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Devir-intenso, devir-animal e devir-imperceptível. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 54, 1997. (Coleção TRANS).
- DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou (a seguir)*. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- GUIDA, Angela. *Para uma poética do humano e do animal*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.
- HILST, Hilda. *Com os meus olhos de cão e outras novelas*. São Paulo: Editora Globo, 2006. (Obras reunidas de Hilda Hilst/organização e plano de edição Alcir Pécora).
- _____. *Estar sendo. Ter sido*. São Paulo: Editora Globo, 2006b. (Obras reunidas de Hilda Hilst/organização e plano de edição Alcir Pécora).
- _____. *Com os meus olhos de cão e outras novelas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- _____. O Unicórnio. In: Hilst, Hilda. *Fluxo-floema – textos em ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- MACIEL, Maria Esther. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. (Coleção Contemporânea).
- _____. Poéticas do animal. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: UFSC, 2011.
- ONFRAY, Michel. *Cinismos, retrato de los filósofos llamados perros*. Tradução de Alcira Bixio. Buenos Aires: Paidós, 2002. (Espacios del saber).
- PÉCORÁ, Alcir. “Nota do organizador”. In: HILST, Hilda. *Com os meus olhos de cão e outras novelas*. São Paulo: Editora Globo, 2006. (Obras reunidas de Hilda Hilst/organização e plano de edição Alcir Pécora).
- ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009. (Coleção Conexões).